



***Uma nova crise da
Covid-19: o abuso
doméstico cresce em
todo o mundo***

The New York Times

Antes da Pandemia, mais de 30.000 mulheres, 137 mulheres por dia, aproximadamente uma mulher a cada 10 minutos, eram mortas em violência doméstica. Esta pandemia silenciosa, mas constante, só cresceu desde que os lockdowns começaram a ser postos em prática, no início deste ano. "Ainda não sabemos a verdadeira extensão da violência contra as mulheres, pois o medo de represálias, o impacto de não se acreditar e o estigma suportado pela sobrevivente - não pelo perpetrador - silenciaram as vozes de milhões de sobreviventes de violência e mascararam a verdadeira extensão das experiências horríveis continuadas das mulheres".

Amanda Taub

Publicado em 6 de Abril de 2020 e atualizado em 14 de Abril de 2020

Acrescente mais uma crise de saúde pública ao preço do novo coronavírus: Os dados indicam que o abuso doméstico está a agir como uma infecção oportunista, florescendo nas condições criadas pela pandemia.

Havia todos os motivos para acreditar que as restrições impostas para impedir a propagação do vírus teriam tal efeito, disse Marianne Hester, socióloga da Universidade de Bristol que estuda relações abusivas. A violência doméstica aumenta sempre que as famílias passam mais tempo juntas, como as férias de Natal e de verão, disse ela.

Agora, com as famílias fechadas em todo o mundo, as linhas diretas se acendem com relatos de abusos, deixando os governos tentando lidar com uma crise que os especialistas dizem que deveriam ter visto chegar.

As Nações Unidas apelaram no domingo para uma acção urgente para combater o aumento mundial da violência doméstica. "Exorto todos os governos a colocar a segurança das mulheres em primeiro lugar na resposta à pandemia", escreveu no Twitter o Secretário-Geral António Guterres.

Mas os governos em grande parte não se prepararam para a forma como as novas medidas de saúde pública iriam criar

oportunidades para os abusadores aterrorizarem as suas vítimas. Agora, muitos estão a esforçar-se para oferecer serviços aos que estão em risco.

Mas, tal como na resposta ao próprio vírus, os atrasos significam que podem já ter ocorrido danos irreparáveis.

Trancamento e "Terrorismo Íntimo"

À medida que as cidades e vilas da China se trancavam, uma mulher de 26 anos chamada Lele se viu envolvida em mais e mais discussões com seu marido, com quem agora ela tinha que passar cada hora em sua casa na província de Anhui, no leste da China.

Em 1º de março, enquanto Lele segurava sua filha de 11 meses, seu marido começou a espancá-la com uma cadeira alta. Ela não sabe quantas vezes ele lhe bateu. Eventualmente, diz ela, uma de suas pernas perdeu a sensibilidade e ela caiu no chão, ainda segurando o bebê em seus braços.

Uma fotografia que ela tirou depois do incidente mostra a cadeira alta deitada no chão em pedaços, duas de suas pernas de metal arrancadas - evidência da força com que seu marido a empunhava contra ela. Outra imagem documenta os ferimentos de Lele: Quase todos os centímetros das pernas estavam cobertos de hematomas, um enorme hematoma a florescer na panturrilha esquerda.

Lele - seu nome completo não está sendo usado para sua segurança - disse que seu marido tinha abusado dela durante os seis anos de relacionamento, mas que o surto de Covid-19 piorou muito as coisas.

"Durante a epidemia, não pudemos sair, e nossos conflitos foram crescendo cada vez mais e com mais frequência", disse ela. "Tudo foi exposto."

Dados de montagem sugerem que o abuso doméstico está florescendo nas condições criadas pela pandemia. Crédito... Yuyang Liu para o The New York Times

medida que as quarentenas entram em vigor em todo o mundo, esse tipo de "terrorismo íntimo" - um termo que muitos especialistas preferem para a violência doméstica - está florescendo.

Na China, uma ONG com sede em Pequim dedicada ao combate à violência contra as mulheres, a Equality, tem assistido a uma onda de chamadas para sua linha de ajuda desde o início de fevereiro, quando o governo fechou cidades na província de Hubei, então o epicentro do surto.

Na Espanha, o número de emergência para violência doméstica recebeu 18% mais chamadas nas duas primeiras semanas de fechamento do que no mesmo período do mês anterior.

"Temos recebido alguns telefonemas muito angustiantes, mostrando-nos claramente quão intensos podem ser os maus tratos psicológicos e físicos quando as pessoas são mantidas juntas 24 horas por dia dentro de um espaço reduzido", disse Ana Bella, que criou uma fundação para ajudar outras mulheres depois de ela própria ter sobrevivido à violência doméstica.

Na quinta-feira, a polícia francesa relatou um pico de cerca de 30% de violência doméstica em todo o país. Christophe Castaner, o ministro do Interior francês, disse que pediu aos policiais que estivessem atentos aos abusos.

"O risco aumenta devido ao confinamento", disse ele em uma entrevista na televisão francesa.

Sem Fuga

Em Espanha, com a ajuda de associações de mulheres, o The New York Times contactou mulheres presas em casa com um marido ou parceiro abusivo e realizou entrevistas sobre o WhatsApp.

Uma delas, Ana - que pediu que o seu nome completo fosse retido - partilha um apartamento com o seu parceiro, e diz que tem abusado regularmente dela. Ele insiste na vigilância total em todos os momentos. Se ela tentar fechar-se num quarto, ele arromba a porta até que ela a abra.

"Não posso nem ter privacidade no banheiro - e agora tenho que suportar isso em um fechamento", escreveu ela em uma mensagem enviada tarde da noite, para esconder a comunicação do marido.

Judith Lewis Herman, renomada especialista em traumas da Faculdade de Medicina da Universidade de Harvard, descobriu que os métodos coercivos que os abusadores domésticos usam para controlar seus parceiros e filhos "têm uma semelhança incrível" com os que os sequestradores usam para controlar os reféns e os regimes repressivos usam para quebrar a vontade dos presos políticos.

"Os métodos que permitem que um ser humano controle outro são notavelmente consistentes", escreveu ela em um artigo amplamente citado da revista de 1992. "Enquanto os perpetradores de exploração política ou sexual organizada podem se instruir mutuamente em métodos coercitivos, os perpetradores de abuso doméstico parecem reinventá-los".

Além da violência física, que não está presente em todas as relações abusivas, as ferramentas comuns de abuso incluem isolamento de amigos, família e emprego; vigilância constante; regras rígidas e detalhadas de comportamento; e restrições no acesso a necessidades básicas como alimentação, vestuário e instalações sanitárias.

O isolamento doméstico, por mais vital que seja na luta contra a pandemia, está dando ainda mais poder ao agressor, disse o Dr. Hester. "Se de repente as pessoas têm que estar em casa", disse ela,

"isso lhe dá uma oportunidade, de repente, de dar as ordens em torno disso". Para dizer o que ela devia ou não devia fazer."

O isolamento também destruiu as redes de apoio, tornando muito mais difícil para as vítimas obter ajuda ou escapar.

Recursos frágeis, sobrecarregados

Depois que seu marido a atacou com a cadeira alta, Lele mancou para a sala ao lado e chamou a polícia. Quando chegaram, porém, só documentaram o ataque e não tomaram mais providências.

Em seguida, ela contratou um advogado e pediu o divórcio - só para descobrir que a epidemia também havia cortado essa avenida de fuga. O seu processo de divórcio foi adiado para Abril. Ela ainda está à espera da decisão do tribunal.

E encontrar um novo lar em meio à epidemia se mostrou difícil, forçando Lele e sua filha a continuar vivendo com seu abusador por semanas.

É um padrão que se desenrola ao redor do mundo.

Instituições que deveriam proteger as mulheres da violência doméstica, muitas delas fracas e subfinanciadas para começar, estão agora se esforçando para responder ao aumento da demanda.

Feng Yuan, uma co-fundadora do Equality, o grupo de advocacia chinês, disse que tinha uma cliente que ligou para uma linha de emergência apenas para ser avisada que a polícia estava demasiado sobrecarregada para a ajudar. "Podemos ir à sua casa depois da crise", ela recontou a telefonista dizendo.

Na Europa, um país após o outro parece ter seguido o mesmo caminho sinistro: Primeiro, os governos impõem bloqueios sem fazer provisões suficientes para as vítimas de abuso doméstico. Cerca de 10 dias depois, os pedidos de socorro disparam, provocando um clamor público. Só depois é que os governos se esforçam para improvisar soluções.

A Itália foi a primeira.

O seu encerramento começou no início de Março. Logo depois disso, os relatos de violência doméstica começaram a aumentar, mas não havia para onde as mulheres recém-desesperadas pudessem ir. Os abrigos não as podiam levar porque o risco de infecção era demasiado grande.

Então o governo disse que as autoridades locais podiam requisitar quartos de hotel para servirem como abrigos improvisados onde as vítimas pudessem ficar de quarentena em segurança.

A Espanha anunciou seu fechamento em 14 de março; o da França começou três dias depois. Cerca de duas semanas mais tarde, com as denúncias de abusos disparando, as autoridades de lá anunciaram que também planejavam transformar quartos de hotel vagos em abrigos, entre outros esforços de emergência.

Na Grã-Bretanha, as autoridades esperaram mais tempo antes de impor um encerramento.

Dez dias antes de começar a 23 de março, o The New York Times contactou o Home Office sobre o que planejava fazer em relação à violência doméstica. A resposta: Só as "fontes existentes de aconselhamento e apoio" estariam disponíveis. Mais tarde, o governo publicou uma lista de linhas diretas e aplicações que as vítimas poderiam utilizar para pedir ajuda, mas apenas uma foi especificamente adaptada para a crise do Covid-19.

Uma semana após o fechamento, Avon e Somerset, no sudoeste do país, disseram que as denúncias de abuso doméstico já haviam aumentado 20%, e que as forças locais em outros lugares estavam se preparando para o mesmo.

Na semana passada, depois que dezenas de grupos cívicos assinaram uma carta aberta ao governo pedindo ação, as autoridades se comprometeram a responder, sem oferecer detalhes específicos.

"O apoio às vítimas de abuso doméstico é uma prioridade para a Secretaria do Interior, e ela está plenamente consciente da angústia e ansiedade que este período pode causar àqueles que sofrem ou correm

o risco de sofrer abuso doméstico", disse o Ministério do Interior em uma declaração. "Estamos trabalhando com a polícia, instituições de caridade contra abuso doméstico, linhas de ajuda e trabalhadores da linha de frente para apoiar e proteger as pessoas".

Também dizia que as vítimas poderiam "desconsiderar ordens de ficar em casa se precisarem de procurar refúgio imediato".

Eventualmente, os lockdowns vão acabar. Mas à medida que o confinamento se prolonga, o perigo parece intensificar-se. Estudos mostram que os abusadores são mais propensos a assassinar os seus parceiros e outros na sequência de crises pessoais, incluindo a perda de empregos ou grandes contratempos financeiros.

Com o Covid-19 devastando a economia, tais crises vão se tornar muito mais freqüentes.

<https://www.nytimes.com/2020/04/06/world/coronavirus-domestic-violence.html>

Traduzido pelo DeepL Translate